

AULA DE CAMPO: UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA – ES, BRASIL

INTRODUÇÃO

Muito se discute a respeito da importância da educação, da formação para a cidadania, e sobre o ensino de geografia. Alguns questionamentos nos são gerados, como por exemplo: para quê estudar?; qual a importância da educação?; e em nosso caso específico, qual a importância do ensino de geografia?.

Esses questionamentos, vindos dos próprios alunos, dos pais e até mesmo de alguns professores, somam-se ao fato de que em muitos casos a aula de geografia realmente é desinteressante, monótona. Aulas expositivas, conteúdo descritivo, não que estes não tenham sua importância, porém tem sido em excesso, motivando o descaso dos alunos em relação à matéria.

Este trabalho surge daí, objetivando-se desenvolver e socializar reflexões e possibilidades de práticas docentes com utilização da aula de campo no ensino da geografia, contribuindo para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho teve como área de estudo municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV): Vitória, Cariacica, Serra e Vila Velha, com vistas a mapear alguns dos locais onde podem ser realizadas aulas de campo e, assim, apresentar uma proposta de roteiro de campo, mostrando como os locais citados podem fazer parte de um trabalho desse tipo.

Baseados nisso, buscamos nesse trabalho levantar essa discussão, a fim de que seja propagada a utilização da aula de campo como recurso metodológico para o ensino de geografia.

1 AULA DE CAMPO, ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

Segundo Carlos (1999), a informação hoje se confunde com a “formação”. O tempo da informação é rápido e em pouco tempo se torna obsoleto. Já o processo de formação envolve um outro tempo, aquele da reflexão.

Assim entendemos que o processo de “formação” é muito mais produtivo para formar cidadão, por exigir um tempo considerável, requerer críticas e pensar o mundo sob um olhar diferente. Por outro lado, a informação é bastante efêmera e logo cai no esquecimento da sociedade.

O ato de formar o aluno cidadão exige muitos esforços, desde a família ao professor. Para o professor o caminho vai desde criar vínculos afetivos com o aluno a formar a criticidade do mesmo. Vale ressaltar que, para que haja uma crítica a determinado assunto é necessário, em primeiro lugar, conhecimento a respeito do mesmo. Nesse processo o papel do professor é fundamental, pois é ele que dará os devidos direcionamentos aos alunos, os quais foram, provavelmente, incorporados em seus anos de formação acadêmica e/ou continuada.

Porém, informar e formar o aluno exige do professor o ato da transposição didática. Para Borges (2001) a transposição didática é o ato de o professor transformar o conhecimento produzido no meio científico (acadêmico), que possui uma linguagem mais técnica, em um conhecimento escolar, com uma linguagem popular, que será levada posteriormente aos alunos por meio de metodologias diversas, podendo ser auxiliado também por um livro didático.

Nesse caminho Milton Santos retrata o papel que a educação deveria ter na formação cidadã:

A Educação não tem como objetivo real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. (SANTOS, 1998, p. 126)

Ser cidadão, porém, não significa somente lutar por direitos. Lutar por um mundo cidadão implica em cumprir com os deveres pelo qual somos incumbidos dentro da nossa sociedade, do nosso lugar de vivência, nosso meio de ação.

Nessa direção, Marcos Santana assim preconiza:

Ser cidadão é ter consciência de que é sujeito de direitos. Direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade de direitos, enfim, direitos civis, políticos e sociais. Mas este é um dos lados da moeda. Cidadania pressupõe também deveres. O cidadão tem de ser cômico das suas responsabilidades enquanto parte integrante de um grande e complexo organismo que é a coletividade, a nação, o Estado, para cujo bom funcionamento todos têm de dar sua parcela de contribuição. Somente assim se chega ao objetivo final, coletivo: a justiça em seu sentido mais amplo, ou seja, o bem comum. (SANTANA, 200-)

Assim, evidenciamos a importância de se voltar a educação para a formação da cidadania. Ser cidadão vai além de cumprir com os direitos e os deveres que o Estado propõe. Exercer a cidadania é lutar pelos direitos que lhe cabe, por uma sociedade mais justa e igualitária, e pela construção de um mundo mais ético nas instâncias em que atua.

O espaço geográfico deve ser a base dos estudos em geografia. É nele que as relações sociais são materializadas, onde o homem se relaciona com a natureza, sendo ela primeira ou segunda. A geografia entra aí, ao buscar entender essa relação (do homem com o todo) e ajudar a propor soluções para os possíveis problemas decorrentes da mesma.

Milton Santos assim retrata a respeito do espaço geográfico:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certos arranjos de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social. (SANTOS, 2008, p. 28)

Hoje, evidenciamos a importância do ensino da Geografia na formação cidadã, já que seu objeto de estudo é o espaço geográfico, que está em constantes transformações. É lá que o

aluno poderá fazer de forma crítica suas análises e observações, levantando questionamentos de diversas temáticas que ali podem ser trabalhadas.

Segundo Santos e Kahil (2007, apud BORGES et al., 2008),

[...] é no espaço geográfico que os processos sociais ocorrem e através de seu estudo que o aluno compreende a dinâmica dos lugares, já que o lugar não está sozinho, mas é reflexo de um todo. As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais articulam-se no lugar, resultando suas particularidades.

Nesse sentido, Vilmar Borges assim preconiza:

A Geografia, por ser uma área do conhecimento que se preocupa com o estudo do espaço, tem importante papel a cumprir na formação da cidadania dos alunos, uma vez que formar cidadãos implica a ler, entender, representar e se localizar no espaço em que se vive. (BORGES, 2001, p. 84)

Os saberes geográficos gozam de reconhecida relevância para a leitura e conhecimento do mundo, pois ao assumir o espaço geográfico como produção da sociedade em seu movimento histórico, temos estabelecida a vinculação com a idéia de cidadania.

A importância da geografia no ensino escolar não deve se resultar na formação de pequenos geógrafos, e sim na busca pela promoção e defesa de uma educação geográfica que sirva e oriente as práticas da sociedade, através de uma transposição didática consciente e refletida, apresentando à sociedade a contribuição dos saberes geográficos para estarem no mundo na condição de sujeitos.

Observamos, também, que o ensino da geografia vem ao longo do tempo passando por algumas transformações em relação a sua ideologia. No início do século passado quando a geografia foi inserida como disciplina escolar, o principal foco era a de contribuição para a formação de sujeitos, através da ideologia do nacionalismo/patriotismo.

Sua função reaparece modificada mais tarde com ênfase no intuito de transmitir informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular. É o que conhecemos como geografia quantitativa, que por muito tempo foi utilizada como instrumento de guerra por alguns Estados.

Nas últimas décadas a disciplina assume a proposta de ensino apoiado nos pressupostos da Geografia Crítica, também conhecida como Geografia Marxista. Essa corrente sugere uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e propõe atividades e posturas frente às causas sociais, dentre outros, da defesa da diminuição das disparidades sócio-econômicas e diferenças regionais.

Hoje a geografia vive um momento de crise em relação à sua identidade. Em meio à revolução técnico-científico-informacional, a geografia vem perdendo espaço para ciências consideradas mais técnicas e práticas, como as engenharias e a geologia.

A respeito dessa crise, Costa (2002, s/p) assim explicita:

“Este é apenas um aspecto do problema. Há outros igualmente importantes. Nesse processo de dissolução não se perdeu apenas o domínio da técnica e de suas

aplicações diversas, mas tem-se perdido também, a cada dia, algo menos tangível e extremamente importante, que é a vanguarda e o domínio do próprio processo de inovação tecnológica nessa área, sendo esta provavelmente a mais grave das evidências da crise atualmente vivenciada pela geografia.

[...]

O fato é que apesar da crise do planejamento e da geografia aplicada em particular, a atuação desse grupo reduzido de geógrafos tem produzido alguns resultados concretos na última década, contribuindo assim para a reconquista de alguns espaços institucionais e técnicos perdidos há mais de vinte anos.”

Lacoste (2008, p. 182) desvela também outros fatores que contribuem para essa crise da geografia atual: “Bem mais do que a geografia-espetáculo, com o desenrolar de suas paisagens, é a atualidade dos jornais, o rádio, a televisão relatam, dia após dia, e a politização crescente dos jovens que são as causas principais dessa crise da geografia.”

Quando se trata de geografia e na formação de um aluno de Ensino Fundamental, uma categoria deve ser ressaltada: o lugar. Em muitos casos o espaço é confundido com o lugar, mas cada um possui suas especificidades.

Para o geógrafo chinês Tuan (1980) o espaço diferente se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e que a idéia de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra.

Outra relação estabelecida por Tuan (1980) foi entre o indivíduo e o seu espaço de vivência, designado por ele como “topofilia”, que significava o afeto entre a pessoa e o lugar ou quadro físico. Assim, usou como exemplo o pequeno agricultor e a sua terra numa forma de intimidade física, já que a terra constitui um repositório de lembrança e esperança, pois seria dela que ele mantém o seu sustento.

Para Freire (2005, apud VIANA E HALLEY, 2005),

[...] o lugar constitui a base da reprodução da vida, podendo ser compreendido a partir da tríade habitante-identidade-lugar estabelecida no plano do vivido, no ato de conhecer e ser reconhecido. É o caso do bairro, que segundo Carlos corresponde ao espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar pelas ruas, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. (s/p)

Assim, o lugar está ligado à idéia de espaço vivido, concebido e percebido, e dessa forma entendido como uma parte do espaço onde vivemos em interação com o meio, fazendo com que dessa maneira, a nossa casa, a nossa rua, nossa escola, o bairro, sejam exemplos de lugares com os quais o aluno cria vínculos e/ou identidade. Além disso, o lugar pode ser local tanto coletivo quanto individual, já que o que é lugar para uma pessoa pode não ser um lugar para outra.

Sendo a geografia a ciência que estuda a relação do homem com a natureza, é seu dever mostrar essas relações aos alunos de nível fundamental, aproximando a realidade dos livros didáticos para a dos alunos, fazendo transparecer o conhecimento de nossos alunos. Logo, ao levá-lo à reflexão sobre o seu espaço, analisando-o em suas várias dimensões, o ensino da geografia pode permitir uma discussão mais rica e envolvente com o mesmo, pois se ele constrói o espaço, terá algo a dizer sobre isso e a partir desse diálogo se estabelece a

construção do conhecimento. Assim, ele seguirá questionando, condição necessária para o aprendizado.

Logo, ao ter a liberdade de ver e analisar o espaço de sua vivência e dos outros, o aluno se sentirá agente de sua própria história, como realmente é, um ser social capaz de produzir e ser afetado pela construção do espaço.

Nesse sentido Vesentini (1987) assim preconiza:

Para se chegar a um aprendizado efetivo, se faz necessário abrir-se a uma relação dialética e dialógica, entre o saber e o real, porque a realidade social e ambiental no sentido de natureza reelaborada pela atividade humana – deve ser vista como condição e resultado da práxis coletiva, como construção do espaço pela sociedade num movimento histórico no qual eles próprios professores e alunos, podem e devem se colocar como agentes ativos.

Assim, é de suma importância os professores de geografia valorizarem os conhecimentos prévios adquiridos pelos alunos, procurando buscar práticas pedagógicas que possibilitem essa nova visão, mostrando como cada indivíduo tem sua importância no espaço onde esta inserido, onde este faz parte do seu dia-dia.

Na busca por alternativas que visam melhorar e tornar mais dinâmico o ensino de geografia, esta pesquisa vem trazer a proposta de se trabalhar a aula de campo com alunos de Ensino Fundamental, metodologia esta, que por sua vez é muito praticada nas disciplinas dos cursos de licenciatura em geografia, e que depois fica esquecida por parte dos professores que ali é formada.

Assim, destacamos a importância da aula de campo no ensino da geografia, pois no campo o aluno pode desenvolver sua visão crítica/cidadã do mundo onde vive, correlacionando teoria/prática.

Porém, nem sempre o campo foi visto dessa maneira. Na chamada Geografia Tradicional, o trabalho de campo baseava-se na observação e na descrição do meio, diminuindo a importância da percepção crítica do espaço.

Segundo Andrade (1999), no Brasil, foi a partir de 1930, que o estudo da geografia foi estruturado tornando-se autônomo, inclusive sendo institucionalizado. Nesse período procurou-se despolitizar a geografia (geopolítica), fazendo com que ela se tornasse uma análise de descrição de paisagens. Não obstante, esse período foi muito importante para a geografia, pois nele ocorreu um enorme desenvolvimento do trabalho de campo.

Quarenta anos depois, a leitura crítica do espaço ganha valor na geografia. Nesse processo o campo ganha novas perspectivas em seu ensino, buscando possibilitar ao aluno desenvolver reflexões sobre algumas categorias da geografia, como lugar e paisagem.

Lima e Assis (2005, p. 109) assim definem o trabalho de campo no ensino da geografia crítica:

Na Geografia Crítica, destaca-se a importância da preparação e da contextualização do Trabalho de Campo, para que possa propiciar ao aluno o interesse pelo estado do lugar vivido e a compreensão das contradições espaciais

existentes. Nesta perspectiva, o Trabalho de Campo também se baseia na observação, permitindo ao aluno um olhar especial sobre os elementos da paisagem, fundamentado numa teorização prévia, o que lhe dá autonomia diante da produção do conhecimento, despertando o senso crítico e investigador.

Hoje, o trabalho de campo no ensino da geografia pode ser visto de diferentes maneiras. Vários autores o definem, cada um com sua visão própria.

Sansolo (2000) divide o trabalho de campo em duas modalidades: o “Trabalho de Campo para a Pesquisa Geográfica” e a “Excursão Geográfica”.

Para Sansolo (2000), o Trabalho de Campo para a Pesquisa Geográfica se caracteriza por ser uma metodologia de pesquisa, que pode contribuir para a melhoria e o avanço do trabalho/pesquisa que está sendo realizado. Por outro lado, a Excursão Geográfica possui um caráter mais didático-pedagógico que o anterior, onde a observação é a técnica adotada para que o aluno possa entender o meio, confrontando a realidade com o conteúdo estudado em sala de aula.

Segundo Sansolo (1996, apud LIMA E ASSIS, 2005, p. 110),

[...] três aspectos devem ser levados em consideração na Excursão Geográfica: o lúdico, a sociabilidade e o avaliativo. O lúdico, porque geralmente as áreas trabalhadas favorecem atividades de lazer (sob forma de banhos, jogos, e etc.). A sociabilidade se dá pela maior descontração entre os alunos e destes com os professores, possibilitando que valores importantes tão ausentes em nossa sociedade sejam vivenciados, como: fraternidade, partilha e solidariedade. A avaliação pode ser feita de diversas maneiras, dentre as quais, a solicitação aos educandos de registros sob forma de relatórios, painéis com fotos que ilustrem as informações observadas no decorrer da excursão, etc.

Cavalcanti et. al (2007, p. 9) possui uma visão que segue a mesma linha de Sansolo (1996), quanto em relação ao trabalho de campo no ensino da geografia:

Há uma diferença fundamental entre uma “pesquisa de campo”, cujo objetivo é o desenvolvimento de uma pesquisa por parte do pesquisador (p. ex. Monografia de Graduação, Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado), de um “trabalho de campo”, cuja finalidade é uma excursão com acadêmicos, com fins puramente didáticos e pedagógicos, ou mesmo uma “saída ao campo”, com fins turísticos ou de recreação.

Aqui defendemos o campo no sentido da Excursão Geográfica, ao qual o aluno poderá fazer suas próprias observações, sem ausentar o caráter didático-pedagógico do mesmo.

Nessa direção, destacamos a importância da observação no campo, visto que através dela o aluno pode compreender a relação entre os lugares, relacionando o local com o global e o global com o local, pois ao entrarem em contato com a realidade podem construir o conhecimento geográfico.

Para a geografia, essa atividade se torna relevante, pois encontra no trabalho de campo a metodologia do empirismo para obter seus resultados e a partir da observação percebe-se sua grande contribuição até os dias atuais, constituindo um importante caminho para se compreender e explicar uma realidade.

Para Delgado de Carvalho et. al (1941, s/p) “o contato com a realidade determina, por si só, o início de todo um processo de aprendizagem”. Assim, percebemos que a ida a campo, se bem trabalhada pelo professor, permite ao aluno sair do contexto da sala de aula, onde na maioria das vezes o professor e o livro didático são os protagonistas de uma atividade na qual a interação entre os elementos pertencentes a esta (aluno, professor e livro didático) tem que ser constante.

A partir da observação de uma paisagem, da vivência em uma determinada realidade que está sendo estudada, é possibilitada uma visão mais ampla sobre a mesma realidade ou paisagem, facilitando assim o aprendizado, fazendo com que um só trabalho de campo possa ter a validade de muitas aulas teóricas.

No entanto, mais que “analisar e que pensar o campo como fonte de conhecimento” (COMPIANI, 1991, p. 12), no campo o professor deve levar o aluno a pensar de forma crítica, mostrando que através de sua ação a sociedade pode ser transformada, podendo assim exercer a cidadania plena no meio em que vive.

“Assim, o Trabalho de Campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido” (LIMA E ASSIS, 2005, p. 112).

Segundo Pontuschka (1994, apud SILVA, 199-), “o trabalho de campo pode ser entendido como uma técnica para a realização do estudo do meio [...] que os professores podem utilizar no ensino, preferencialmente sob a perspectiva de uma realização coletiva, interdisciplinar”.

Nesse sentido vale ressaltar a importância da aula ou trabalho de campo como alternativa de ensino interdisciplinar, já que várias áreas do currículo escolar, explícita ou implicitamente, têm o dever de educar em relação a questões sociais e naturais, mas levando em consideração as suas concepções e valores que estão atrelados a seus conteúdos.

Logo, nenhuma disciplina consegue explicar determinados conteúdos de forma satisfatória separadamente das outras. Em vista disso consideramos que a produção de um conhecimento real que leve o aluno às aprendizagens passa também por uma relação harmoniosa que as várias disciplinas podem e devem possuir.

Sob essa ótica, é de primordial relevância o papel da geografia no contexto interdisciplinar, pois ela definirá o espaço geográfico para que outras disciplinas possam integrá-la para a construção do trabalho de campo de maneira a preservar suas especificidades.

Ao ser inserido no Ensino Fundamental com finalidades didáticas, o trabalho de campo pode se integrar como uma forma alternativa para o aprendizado, simplesmente pelo fato de sair da sala de aula e de toda estrutura da escola, possibilitando uma fuga da rotina.

Nessa realidade, os laços sociais podem, devem e são desenvolvidos, já que nela pode ocorrer o trabalho em equipe, o que visa proporcionar ao aluno o gosto pelo estudo. Ademais, o campo possibilita também a melhoria na relação professor-aluno, visto que o mesmo pode envolver diversas dinâmicas integradoras.

Portanto, a aula ou trabalho de campo deve objetivar uma saída organizada dos alunos da escola em que estudam com objetivos de aprendizagens. No campo enfoca-se a observação do aluno direcionada pelo professor, de maneira que ele possa exercer sua criticidade no local estudado.

Para a realização de um trabalho de campo é necessário respeitar seus três momentos básicos: o planejamento, a execução e a avaliação (LIMA E ASSIS, 2005, p. 112), que aqui nesse trabalho entendemos como pré-campo, campo e pós-campo, respectivamente.

Anteriormente à ida a campo temos um momento de grande importância para a realização de uma aula de campo: o pré-campo. Conhecido também como momento de preparação/planejamento, o pré-campo se constitui como elemento fundamental em sua realização, já que é nele que o professor organiza a parte estrutural da saída da escola, e a partir desse momento que os alunos começam a ter contato com o objeto de estudo da aula de campo.

Segundo Lima e Assis (2005, p. 112), “a preparação [pré-campo] é uma etapa fundamental para o sucesso do Trabalho de Campo. A realização de um bom planejamento pode assegurar que os objetivos traçados sejam realmente alcançados durante a saída da escola”.

Dividimos assim, essa etapa, em duas partes: a conteudista e a estrutural. Vale ressaltar que, apesar dessa divisão, essas duas partes se interrelacionam em muitos aspectos.

Na parte conteudista é necessário, em primeiro lugar, determinar o conteúdo que será abordado na aula de campo, selecionando os objetivos da proposta a ser trabalhada. O conteúdo é fundamental, pois é através dele que o professor definirá o(s) local(is) a ser(em) visitado(s) no dia do campo.

Por se tratar de uma disciplina como geografia, diversas temáticas podem ser trabalhadas no campo sem ser necessário levar o aluno a uma região distante da escola, como em outro município, já que o próprio ambiente escolar, independentemente de qual for, possuirá um espaço geográfico possível de se fazer muitos campos com diversas temáticas.

Com o conteúdo selecionado cabe ao professor determinar a área que ocorrerá o campo. Essa área poderá ser tanto lugares públicos como privados, como, respectivamente, bairros e o entorno da escola, e indústrias e parques privados.

Após a determinação do conteúdo e do local, é necessário um conhecimento da área do campo pelo professor. Isso pode ser feito com uma visita prévia ao local, pesquisas acerca do mesmo em internet e livros, e/ou conversas com pessoas que lá vivem, viveram ou que mantêm uma relação de trabalho, lazer etc. Esse conhecimento acerca do local, e também do conteúdo a ser trabalhado no dia do campo, deve ser exposto aos alunos anteriormente, em sala de aula, tendo assim o primeiro contato com o meio a ser estudado.

Cabe ao professor planejar antecipadamente todas as atividades que serão realizadas no campo, afim de que a aula de campo não se torne apenas um passeio, um dia de lazer, mas um dia de aprendizado por parte dos alunos e do professor. Esclarecer os critérios de avaliação, como por exemplo, a entrega de relatórios, a participação e o comportamento dos

alunos, fazem-se necessários, visando um melhor aproveitamento da atividade a ser desenvolvida.

Caso a aula de campo seja feita de forma interdisciplinar, esses aspectos citados anteriormente tornam-se papel de todos os professores envolvidos na atividade, devendo assim fazer um planejamento para que não se torne um trabalho com dois ou mais focos diferentes.

Concomitantemente à parte conteudista, encontra-se a estrutural. Organizar o campo requer tempo, dedicação e esforço por parte do professor, já que o mesmo terá que disponibilizá-los, muitas vezes até fora do horário de planejamento, para elaborar a aula de campo.

O primeiro passo a ser dado deverá ser o da escolha da área e da data de realização do campo, os quais já foram citados anteriormente. As providências administrativas só poderão ser tomadas a partir do momento que se definir quando e aonde os alunos serão levados.

Para a escolha da data do trabalho de campo deverá ser levado em consideração os princípios da escola em que o professor trabalha, respeitando o calendário letivo e o planejamento da equipe pedagógica da mesma. Para isso é necessário consultá-la em primeiro lugar, para assim definir a melhor data para sua realização. A data também deve ser escolhida levando em consideração as propostas a serem trabalhadas em sala antes da ida a campo.

Faz-se necessário consultar direção, coordenação e pedagogos, não somente pelo fator calendário, mas também para justificar o trabalho desenvolvido, afim de que a escola reconheça a atividade como uma metodologia para o ensino de geografia.

Fora da escola, pendências têm que ser resolvidas, como a doação ou o aluguel de ônibus, e o agendamento do local, se necessário. Valores de almoço (para atividades com duração de mais de meio dia) e de hospedagem (para viagens com mais de um dia de duração) devem ser vistos e agendados antecipadamente, buscando minimizar os problemas no dia da atividade, e também informar à escola e aos pais, caso se trabalhe com alunos menores de 18 anos.

Este último se constitui como fator essencial na realização do campo, já que os pais ou responsáveis respondem pelos alunos, devendo assim a escola pedir a autorização aos mesmos para qualquer saída dos estudantes do ambiente escola.

Caso a atividade seja feita interdisciplinarmente, essas tarefas devem ser divididas entre todos os professores que estejam envolvidos em sua realização.

Os alunos e os pais devem ser comunicados também do que deve ser levado no dia do campo. Garrafa com água, lanche, caderneta de campo e máquina fotográfica (se possuir), são elementos básicos presentes em todas as aulas de campo, mesmo quando o local a ser visitado tem em seu plano de visitas algum dos itens acima incluídos.

Os trajes devem ser previamente comunicados aos alunos por exemplo, em caso de visitas a empresas onde geralmente não é permitida a entrada com bermudas, blusas regatas e sandálias abertas, evitando assim que algum aluno fique impedido de entrar em algum local, podendo até comprometer a viagem de todo o grupo.

Outros materiais como mapas, GPS, gravadores, sacos para coleta de lixo etc., podem ser levados pelo professor e/ou pelos alunos no dia, dependendo dos objetivos da aula. Vale ressaltar que utensílios pessoais, como escova de dente, toalha de banho, sabonete, absorvente etc., devem ser comunicados aos pais e alunos para que sejam levados e utilizados individualmente.

É importante que o professor elabore um projeto com todos os passos da realização do campo e o entregue à coordenação da escola, com o objetivo de minimizar problemas internos e externos à instituição de ensino.

Encerrando, assim, os preparativos do campo (pré-campo), a atividade chega à segunda etapa: o campo.

O campo se refere à ida dos alunos ao(s) local(is) que foi(ram) previamente planejado(s) e agendado(s) pela equipe pedagógica envolvida na atividade. É ali que o aluno poderá colocar/observar na prática o que foi estudado anteriormente em sala de aula.

Mais uma vez recorremos a Lima e Assis (2005), que assim descrevem:

Na realização do Trabalho de Campo, o professor deve optar pelo tipo mais adequado à realidade de sua turma, já que existem duas modalidades de Trabalho de Campo no ensino de Geografia, tais como: a visita guiada ou técnica; e a excursão didática expositiva de observação, de reconhecimento e de descoberta. Em ambas, o professor deve aguçar, na medida do possível, a curiosidade dos alunos para que a partir das suas observações e das informações coletadas possam construir suas aprendizagens, alcançando, assim, os objetivos propostos para a saída ao campo. (LIMA E ASSIS, 2005, p. 112)

O ideal é que toda aula de campo tenha seu início na escola onde os alunos estudam, evitando assim problemas como atraso, esquecimento do local de saída etc. Na saída deve-se organizar os alunos, onde o professor deverá falar novamente (já que deverá ser falado em sala antes) aos mesmos as regras comportamentais e de avaliação dos alunos, com os objetivos da saída. Após a organização dos alunos deve ser deixado claro novamente o roteiro de campo com os horários de paradas, lanche, almoço etc.

O professor poderá levar em consideração no campo três aspectos básicos: a orientação/explicação aos alunos, as dinâmicas de aprendizagem e de vivência e o lúdico.

No caso da explicação, o professor de geografia deverá estar sempre presente nos momentos de observação dos alunos, para que não seja uma simples observação, mas baseada nos conceitos geográficos, naquilo que foi trabalhado em sala de aula. O professor deverá estar sempre aberto a questionamentos, e deve levar o aluno a pensar o espaço de múltiplas formas, instigando o espírito investigador do mesmo.

É importante o professor procurar desenvolver a capacidade de reflexão do aluno, buscando alternativas para que ele não memorize o que foi visto, mas que ele possa entender as relações sociais e naturais que modificam aquele espaço.

Fazer anotações de campo é essencial para o aluno, pois ali informações preciosas são guardadas (coleta de dados, que pode ser feita através de observações, e de entrevistas), o que

poderá ser utilizada num pós-campo. Para isso é interessante a utilização de cadernetas e também de fotografias (caso o aluno possua máquina fotográfica), pois assim as informações coletadas não serão meramente descritivas, mas também visuais.

Em caso de visitas pré-agendadas em museus, empresas, parques etc., o professor deve incentivar os alunos a exercerem o espírito crítico-questionador naquele meio, fazendo perguntas ao(s) instrutor(es) que ali estiver(em) acompanhando-os.

As dinâmicas de aprendizagem e de vivência devem ser trabalhadas durante todo o trabalho de campo. O espírito de partilha e de fraternidade é um dos passos para o exercício da cidadania. Desde o simples fato de partilhar um lanche de maneira justa, até criar dinâmicas que mostrem a importância de um grupo unido, podem fortalecer esse espírito de boa convivência entre a turma. Nesse aspecto valores podem ser trabalhados com a(s) turma(s), como por exemplo, o respeito, a liberdade e a justiça.

Por fim, o lúdico é uma opção para a aula de campo. Dependendo do tempo e dos objetivos do campo, um ou mais momentos de diversão podem fazer com que a aula de campo se torne menos cansativa e mais prazerosa. Levar os alunos em uma rádio para participar de um programa, no cinema, em um parque, em áreas esportivas, pode auxiliar o desenvolvimento da aula de campo.

Um aspecto fundamental do campo é levar o aluno a relacionar-se com o lugar, e assim com as temáticas de estudo. Algumas atitudes podem ser desenvolvidas, como a coleta de lixo, a entrega de panfletos educativos à comunidade visitada etc., a fim de que o aluno possa levar o aprendizado a uma ação prática.

Existem diversas formas de avaliar o aluno no trabalho de campo. Vários aspectos podem ser analisados: a participação, o comportamento, o envolvimento nas atividades em grupo etc. Uma forma comum e eficiente de avaliação é recolher dos alunos ao final da atividade um relatório com tudo o que foi observado durante todo o percurso.

O terceiro momento de uma aula de campo é o pós-campo. É nele que o professor trabalhará com os alunos o que foi visto no dia do campo. É nessa etapa que a análise dos dados e das informações obtidas poderão ser estudadas com mais calma e clareza.

Nessa direção, mais uma vez nos recorremos a Lima e Assis (2005), que assim ressaltam:

Na avaliação, o professor, juntamente com os alunos, deve fazer um balanço dos aspectos positivos e negativos do Trabalho de Campo. [...] Dada à riqueza de uma atividade como esta, seria um desperdício se não houvesse uma culminância.
(LIMA E ASSIS, 2005, p. 112)

Muitas atividades são recomendadas nesse momento. A entrega de um relatório final do campo é uma delas, onde os alunos em grupo poderão discutir e acrescentar suas opiniões a respeito do que foi visto. As fotos tiradas no dia do campo também podem ser adicionadas ao relatório final.

O debate do que foi observado também pode ser feito. Lá (em sala de aula) o professor pode levar o aluno a questionar/refletir o que foi visto, principalmente quando for uma visita direcionada pela empresa/órgão que for visitada(o).

Exposições de fotos, croquis, mapas e maquetes são exemplos de outras atividades que podem ser desenvolvidas no pós-campo. Essas exposições poderão ser feitas tanto no cotidiano escolar (intervalo ou em um horário especial), como em uma mostra cultural promovida pela escola. Nesse último contexto, o trabalho de campo poderá ser incluído numa proposta maior, dentro da temática que será trabalhada na mostra científico-cultural da escola.

Caso a instituição de ensino possua recursos necessários, a produção de vídeos e documentários pode ser uma excelente iniciativa, desenvolvendo assim habilidades artísticas dos alunos envolvidos no trabalho. Imagens (vídeos e fotos) obtidas no campo entram aí como excelentes recursos didáticos.

Outra iniciativa interessante será após a ida a campo e a reflexão em sala de aula, os alunos elaborarem um trabalho, que poderá ser feito na forma de cartilhas, mapas, vídeos e/ou panfletos, podendo ser apresentado(s) posteriormente ao local visitado durante o campo.

Além das citadas outras inúmeras atividades podem ser trabalhadas no pós-campo. Do diálogo com os outros professores e com os alunos podem surgir inúmeras iniciativas que podem ser colocadas em prática pelo grupo.

2 MAPEANDO LOCAIS PASSÍVEIS DE REALIZAÇÃO DE TRABALHOS DE CAMPO NA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA (RMGV)

Tendo como área de estudo os municípios de Cariacica, Vila Velha, Serra e Vitória, na RMGV, buscamos nesse trabalho apresentar, a título de exemplificações, locais passíveis de realização de aula de campo. Esses locais revelam uma mínima parte da riqueza de espaços da RMGV onde o professor pode desenvolver um campo com seus alunos.

2.1 CARIACICA

O local escolhido para se trabalhar o campo foi o bairro Campo Grande (figuras 1 e 2), no município de Cariacica. Conhecido como maior “shopping a céu aberto” do Espírito Santo, em Campo Grande concentram-se algumas das principais atividades econômicas do município de Cariacica. Por ser um centro urbano e comercial de relevância, o bairro possui vários elementos que podem ser explorados como tema em uma aula de campo, como por exemplo, o trânsito e setor terciário.

De alguns pontos das redondezas do bairro é possível ter uma visão privilegiada do mesmo, propiciando o estudo da paisagem urbana local.



Figuras 1 e 2 – Bairro comercial e residencial de Campo Grande.

Além dos aspectos urbanos, o município de Cariacica contempla uma grande área rural, onde ambas podem ser visitadas até mesmo em um único campo.

2.2 SERRA

O município da Serra, assim como o citado anteriormente, possui inúmeros locais onde o trabalho de campo pode ocorrer.

Próximo à BR 101 e a Serra-Sede encontramos alguns dos circuitos agroturísticos do município: o Pitanga e o Guaranhuns (figuras 3 e 4). Neles temáticas relacionadas ao agroturismo, às formações vegetais, às formações rochosas e à agropecuária podem ser desenvolvidas. Pode-se pedir aos alunos que façam um mapeamento das fazendas agroturísticas da região, desenvolvendo assim os conceitos cartográficos nos mesmos.

Contudo é possível programar visitas aos sítios e fazendas da região, que podem também ser orientadas pelos seus proprietários e/ou funcionários.



Figuras 3 e 4 – Circuito Pitanga e Circuito Guaranhuns de Agroturismo.

Outros pontos importantes do município a serem estudados são os parques industriais do município da Serra, como os Civit's (Centro Industrial de Vitória) e o Tims (Terminal Intermodal da Serra), a restinga e a couraça laterítica na praia de Manguinhos, e a Lagoa Juara, no bairro Magistrados, região de Jacaraípe

2.3. VILA VELHA

Vila Velha possui um vasto espaço urbano e rural que podem ser trabalhados em uma aula de geografia. Aqui destacamos a fábrica de chocolates Garoto (figuras 5 e 6). Localizada no bairro da Glória, a empresa é uma das muitas localizadas na RMGV onde atividades de campo podem ser desenvolvidas. O local oferece a alunos uma visita orientada pela empresa, o que possibilita ao mesmo conhecer o processo de produção de um chocolate (bombom). Por um valor financeiro simbólico, os alunos conhecem a empresa e provam seus chocolates, o que torna a visita mais divertida.



Figuras 5 e 6 – Chocolates Garoto, no bairro da Glória, em Vila Velha.

Ainda em Vila Velha, podemos citar a região do centro da cidade, as regiões rurais de fácil acesso próximas à Rodovia do Sol, e o seu litoral, desde a Praia da Costa à divisa com Guarapari. O Convento da Penha é outro ponto que também se destaca na paisagem de Vila Velha, não somente como ponto religioso e turístico, mas como por toda sua importância para o município.

2.4. VITÓRIA

O centro da cidade de Vitória (figuras 7 e 8) é um dos muitos locais onde o trabalho de campo em geografia pode ser realizado. Desde uma riqueza histórica a atividades do setor terciário (comércio, porto e serviços em geral) podem ser observados na paisagem, o que poderá levar ao aluno compreender como aconteceu a dinâmica espacial da cidade de Vitória.



Figuras 7 e 8 – Centro de Vitória (Rua Colonial e Porto de Vitória).

Nesse trabalho, ainda destacamos a Universidade Federal do Espírito Santo, com suas inúmeras atividades ligadas à educação básica, como por exemplo, o Planetário e o Museu de Geologia, os shoppings da cidade, onde temáticas ligadas aos setores da economia podem ser trabalhadas, e os diversos parques municipais e estaduais localizados na capital, como o da Fonte Grande e o da Pedra da Cebola.

Ainda no município de Vitória encontramos muitos outros locais que podem ser desenvolvidas aulas de campo por professores de geografia. Entre eles citamos a Praia de Camburi, a Vale, a região do Triângulo na Praia do Canto etc.

Assim, constatamos que em qualquer lugar é possível desenvolver uma aula de campo com alunos de ensino fundamental de escolas públicas. O próprio entorno escolar favorece aos alunos uma visão do espaço, de sua transformação, independente da escola e da série que for trabalhada.

Campos para lugares mais distantes exigem da equipe pedagógica envolvida na atividade um maior planejamento, agendando principalmente o ônibus e os locais a serem visitados. Em todos os casos, é de suma importância que o professor elabore um planejamento que deixe claras as intencionalidades da aula de campo, como a seguir exemplificamos.

3 PROPOSTA DE ROTEIRO DE CAMPO PARA UMA TURMA DE 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Apresentamos, a seguir, uma proposta de trabalho de campo para turmas do Ensino Fundamental, do 6º ano. Para isso será proposto um roteiro, tendo como temática central “relevo, vegetação e degradação ambiental”. É válido ressaltar que previamente deve ser feito todo o planejamento pelos professores envolvidos na atividade, não só estrutural, mas também trabalhando os conteúdos propostos em sala de aula antes da ida a campo, conforme plano de aula:

1) Conteúdo:

- Relevo, vegetação e degradação ambiental.

2) Objetivos:

2.1) Geral:

- Descrever a vegetação, o relevo e a degradação ambiental de cada local, distinguindo e classificando seus diferentes tipos e exemplificando todos os processos relacionados à vegetação e ao relevo.

2.2) Específicos:

- Identificar, classificar e descrever os diferentes tipos de relevo e vegetação nas paradas do campo;
- Citar e conceituar os processos referentes ao relevo e à vegetação (formação, erosão etc.);
- Verificar os pontos onde ocorre degradação ambiental;
- Discutir e propor soluções para uma melhor relação homem-meio;
- Relacionar degradação ambiental, relevo e vegetação.

3) Recursos Didáticos:

- Caderneta de campo; Lápis, borracha e caneta; Máquina fotográfica (se o aluno possuir).

4) Número de Aulas:

- 1 aula de 9 horas.

5) Metodologia/Desenvolvimento:

- Saída: Escola Municipal de Ensino Fundamental Euzira Vivácqua dos Santos (bairro Jardim Camburi, Vitória – ES).
 - Ponto de encontro: na própria escola.
 - Horário: 7h30
 - Horário de saída da escola: 8 horas
- Primeira parada: Praia de Camburi (próximo ao bairro Jardim Camburi)
 - Horário: 8h10
 - Tempo previsto: 20 minutos
 - Pontos a serem estudados:
 - Vegetação (restinga);
 - Crescimento urbano e poluição da praia (esgoto, industrial, quiosques).
- Segunda parada: Parque Botânico da Vale
 - Horário: 8h40
 - Tempo previsto: 2 horas
 - Pontos a serem estudados:
 - Vegetação e fauna (trilha pelo parque);
 - Industrialização (visita de ônibus à área industrial).
- Terceira parada: Manguezal da Ufes.
 - Horário: 11 horas
 - Tempo previsto: 50 minutos
 - Pontos a serem estudados:
 - Vegetação (manguezal);
 - Degradação e poluição do mangue (poluição e expansão urbana);
 - Relevo (vista da pedra da caixa d'água).
- Quarta parada: Almoço no Restaurante Universitário da Ufes.
 - Horário: 12 horas
 - Duração: 1h30min – tempo livre para descanso após o término do almoço.
- Quinta parada: Parque Estadual da Fonte Grande
 - Horário: 14h30
 - Tempo previsto: 2 horas
 - Pontos a serem estudados:
 - Vegetação (Mata Atlântica);
 - Relevo (vista do entorno da Fonte Grande);
 - Crescimento urbano de Vitória.
- Chegada à escola: 17 horas

6) Avaliação:

- Entrega dos relatórios de campo, incluindo os croquis desenhados durante o dia;
- Exposição na escola de fotos, desenhos e croquis, feitos pelos alunos, da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto neste trabalho, a educação como um todo é muito importante para a formação de cidadãos plenos, pois possibilita ao aluno conhecer o meio, a realidade em que vive, podendo contribuir, assim, para o aumento de uma visão crítica dos mesmos. Nisso ela pode ajudar os mesmos a se transformarem em cidadãos não somente preparados somente para o mercado de trabalho, mas também indivíduos com capacidade de exigir seus direitos, e não se deixarem levar por opiniões de segundos, ou se opor contra imposições no qual não concordem.

Nessa direção, a aula de campo aparece como uma alternativa metodológica para o ensino de geografia, podendo tornar as aulas de geografia mais atraentes, interessantes e estimulantes para os alunos, e com isso despertar nos mesmos não somente a criticidade em cada um, mas também a noção maior da realidade do território, da paisagem e do lugar em que vivem e que conhecem, mesmo que esse conhecimento tenha sido obtido por outras fontes, como os meios de comunicação.

A aula de campo sendo usada para o ensino da geografia possibilita que o aluno tenha uma maior participação em seu aprendizado, tirando o foco central e único do professor e do livro didático. Assim, uma aula de campo é equivalente a várias teóricas, já que com o contato com a realidade a aprendizagem se torna muito mais fácil e dinâmica, e partindo desse pressuposto salientamos a importância do trabalho de campo no ensino de disciplinas como ciências, história, artes, entre outras, podendo, inclusive, haver uma interdisciplinaridade entre elas e a geografia.

Contudo, constatamos que é possível realizar um trabalho de campo em geografia em qualquer lugar, pois é no espaço geográfico que o ensino da disciplina deve se basear. Assim, através de entrevistas com professores colaboradores e de idas a campo, concluímos que a RMGV possui diversos locais que o professor pode realizar um campo, sendo que muitos deles possuem uma infra-estrutura montada para receber esse tipo de público.

Em suma, a busca de alternativas metodológicas para melhorar, facilitar e deixar o ensino mais interessante para o aluno é sempre válido, ainda mais para uma disciplina como a geografia, que se bem trabalhada pelo professor se torna capaz de formar verdadeiros cidadãos plenos, não só para servirem como robôs a serviços do capital, e sim como indivíduos preparados para o mercado de trabalho e também com um poder de escolha, com uma visão crítica mais apurada, tendo a capacidade de lutar por seus direitos e exercer os seus deveres, sabendo quais são estes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia de. A trajetória e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

BORGES, Vilmar José. **Mapeando a geografia escolar: identidades, saberes e práticas**. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2001. (Dissertação de Mestrado).

BORGES, Vilmar José; SARTÓRIO, Fernando Domingos Vieira; SOUZA, Iuri Campos de; PEREIRA, Thiago Barcelos; FALCÃO, Wagner Scopel. O papel da geografia escolar no processo de formação do cidadão: a visão de professores de municípios da Grande Vitória. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS: o espaço não pára, por uma AGB em movimento, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. CD-ROM.

CARLOS, Ana F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARVALHO, Delgado de. A excursão geográfica. **Revista Brasileira de Geografia**. São Paulo: IBGE, p. 96-105, 1941.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme; CAMARGO, José Carlos Godoy. Pesquisa de campo em Geografia: um enfoque conceitual. **Revista Mirante**. Pires do Rio, 2 ed., v. 1, n. 1, 2007.

COMPIANI, M. A relevância do trabalho de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. **Cadernos do IG/UNICAMP**. Campinas, 1991.

COSTA, Wanderley Messias da. Ciência, tecnologia e a crise da geografia. **Revista GEOUSP**. São Paulo: n. 12, EDUSP, 2002.

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. São Paulo: AGB, 1988.

LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**. Sobral: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

SANSOLO, Davis Gruber. **A importância do trabalho de campo no ensino de geografia e para a Educação Ambiental**. São Paulo-SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, 1996. (Dissertação de Mestrado).

_____. O trabalho de campo e o ensino de Geografia. **Revista GEOUSP**. São Paulo: v. 7, EDUSP, 2000.

SANTANA, Marcos Silvio de. **O que é cidadania.** [S.I.]: Artigos Jurídicos, [200-]. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/estudantesdireito/fadipa/marcoossilviodesantana/cidadania.htm>>. Acesso em: 7 out. 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O espaço do cidadão.** 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SILVA, Lucinda Silva da; SILVA, Simone Lisboa Santos; SILVA, Telma Mendes da; MORGADO, Vânia Nunes. O trabalho de campo em APA's como uma valiosa prática pedagógica para a educação ambiental na Geografia escolar. In: II ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E VI CONGRESSO NACIONAL DE ECOTURISMO: Mundo contemporâneo, práxis educativa e ensino de Geografia, 2007, Itatiaia-RJ. *Anais...* CD-ROM

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VESENTINI, José William. Geografia crítica e ensino. **Revista Orientação.** São Paulo: USP, 1987.

VIANA, Arlindo da Silva; HALLEY, Bruno Maia. O “lugar” como possibilidade de transformação: conscientização, utopias e desafios a uma sociedade multicultural. Recife: **V Colóquio Internacional Paulo Freire**, 2005. Disponível em: http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/O%20E%20%9CLUGAR%20%9D%20COMO%20POSSIBILIDADE%20DE%20TRANSFORMA%C3%87%C3%83O20CONSCIENTIZA%C3%87%C3%83O,%20UTOPIAS%20E%20DESAFIOS%20A%20UMA%20SOCIEDADE%20MULTICULTURAL.pdf Acesso em: 9 nov. 2008.